

MORTE NO COLÉGIO

Luis Eduardo Matta



Vaga - Lume

O diretor da escola é assassinado justamente no momento em que Ivan vai comunicá-lo das ameaças anônimas de morte que vem recebendo. O fato deixa inconsolável seu tio Fausto, grande pesquisador do mito de Atlântida: o diretor parecia prestes a encontrar os Manuscritos de Éfeso, um antigo tesouro que provaria a existência e indicaria a localização do lendário continente perdido.

Numa trama ágil e movimentada, que mistura História, suspense, aventura e humor, **MORTE NO COLÉGIO** levará o leitor a uma verdadeira epopeia em busca dos lendários Manuscritos de Éfeso e do continente perdido de Atlântida.

MORTE NO COLÉGIO

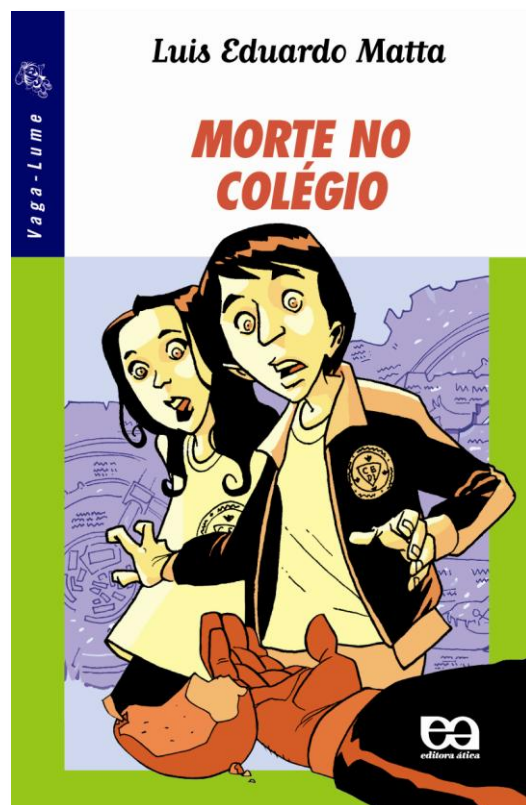
Luis Eduardo Matta

Série Vaga-Lume – Editora Ática

Ilustrações: Fábio Moon e Gabriel Bá

136 páginas

Faixa etária sugerida: 11-13 anos / 6º, 7º e 8º anos



Possibilidades pedagógicas de *Morte no Colégio*

1. Uma família diferente – discussão sobre a realidade do grupo

Sofia e Ivan são órfãos e vivem com o tio. A estrutura familiar apresentada em *Morte no colégio* é diferente da tradicional, da que vemos mais frequentemente. No entanto, ainda assim, revela sentimentos e atitudes comuns nos relacionamentos familiares: carinho, proteção, preocupação, cuidado. Após discutir esse fato com os alunos, o professor pode questioná-los sobre como é a família de cada um deles. Para concluir a atividade a turma pode ser levada a ouvir a música "Família", dos Titãs, para depois discutir o quanto ela tem a ver com as relações familiares vividas por eles. O intuito da atividade é fazer os alunos perceberem que toda família incomoda e irrita às vezes, mas também é o "porto seguro" de todos.

2. Os caçadores de tesouros – discussão e pesquisa

Assim como em *Morte no colégio*, diversos filmes de aventura retratam a figura do caçador de

tesouros, geralmente um historiador, um arqueólogo ou mesmo algum aventureiro mercenário. Converse com seus alunos sobre a que filmes já assistiram com esse tema, questionando-os também se acham que pessoas assim realmente existem e que tipo de motivação pode levá-las à caça de um tesouro ou à busca de alguma relíquia histórica. Para fazer um contraponto, discuta com a classe um personagem que é citado na narrativa, Ibrahim, um contrabandista de obras de arte e de relíquias, e proponha uma pesquisa sobre o cotidiano de um profissional de arqueologia, o tipo de trabalho que realiza, o que costuma encontrar e que destinação costuma dar aos objetos encontrados.

3. O crime na literatura – outras leituras e criação

Ivan gosta muito de ler histórias policiais e, enquanto se desenrola a aventura vivida por ele, lê *Os crimes ABC*, de Agatha Christie, um dos vários casos investigados pelo detetive Hercule Poirot. Seus alunos podem pesquisar o conteúdo dessa e de outras histórias da autora e, se possível, ler algum de seus livros. A comparação entre os textos de Agatha Christie e do autor de *Morte no colégio* pode ser feita em grupos, buscando-se elementos comuns aos textos dos dois autores e, também, suas diferenças. Depois da comparação, os alunos podem redigir individualmente uma história policial, criando um clima de suspense, como nos textos lidos.



4. Cartas que ameaçam – exercício de criação

As cartas anônimas contendo ameaças que Ivan recebe colaboram bastante para instaurar um clima de mistério na narrativa. Em grupos, seus alunos podem imaginar como seriam as cartas de ameaça escritas por Moacir a Ernesto e, também, o contrário: como Ernesto ameaçaria Moacir através de cartas. Também tio Fausto poderia receber ameaças por carta de algum personagem de livre escolha pelos alunos. As cartas criadas pela turma não podem revelar quem seja o remetente, e devem conter o motivo da ameaça, necessariamente em acordo com a trama do livro. Após os grupos compartilharem suas criações em uma roda de leitura, devem discutir se o conteúdo de todas as cartas está corretamente vinculado à narrativa e quais delas conseguem causar os maiores efeitos de intimidação.

5. História do latim e do grego – pesquisa

Tio Fausto é apaixonado pelas línguas antigas e volta e meia recita em voz alta textos em latim e em grego. Em grupos, seus alunos podem pesquisar a origem dessas línguas, por que povos foram ou são usadas, se serviram de base para outras línguas, se temos em nosso vocabulário palavras derivadas delas, e como são utilizadas nos dias atuais. Seria interessante abordar o fato de o latim ser uma língua morta e ao mesmo tempo a base de vários outros idiomas, mas o ideal é que os alunos façam suas descobertas sozinhos durante a pesquisa, que pode ser orientada pelo professor. Ao final, o resultado de cada grupo pode ser compartilhado em uma roda de conversas.



6. Atlântida, mito ou realidade? – pesquisa, discussão e criação

O professor pode propor à classe uma pesquisa sobre o mito de Atlântida utilizando-se de livros, revistas e da internet. O material reunido deve ser trazido para a sala de aula e discutido sob os seguintes aspectos: é possível separar com segurança informações verdadeiras e falsas? É possível afirmar que Atlântida realmente existiu? Qual a opinião de cada um e como se justifica esse ponto de vista? Depois da conversa, cada aluno pode criar um texto em que conte a sua versão sobre

Atlântida.

7. Quem foram Platão e Sócrates – pesquisa e discussão

O livro diz que Platão foi discípulo de Sócrates e que ambos eram filósofos. Seus alunos podem pesquisar mais informações a respeito desses dois pensadores, de suas teorias e de seu modo de vida. Para isso precisarão conhecer mais sobre a cultura clássica e entender os valores de então. Após a pesquisa, o professor pode propor uma discussão sobre como essa cultura e a filosofia desenvolvida naquela época influenciam a nossa forma de pensar.

8. Louca ou excêntrica? – análise de comportamento

Carola se comporta de forma absurda ou pelo menos esquisita - rezando para a imagem de Platão, acreditando em sua proteção como na de um santo buscando de forma insana os Manuscritos de Éfeso agindo de um jeito esnobe e valorizando coisas do passado e títulos de nobreza. Loucura ou excentricidade? O que determina o comportamento dessa personagem? Essas questões podem ser discutidas por seus alunos, que devem refletir sobre como seria vista uma pessoa como Carola em nossa realidade e como seria o tratamento que os alunos lhe dariam se, por acaso, ela fosse a vizinha deles. Seria interessante também que eles buscassem exemplos reais de pessoas que fogem ao comportamento padrão e revelassem o que pensam de tais pessoas.



9. Drogas na escola – estudo da realidade contemporânea

Releia com seus alunos os seguintes trechos das páginas 115 e 116 do livro:

“O senhor, por acaso, sabia que o seu filho é usuário de drogas? E que ele, ultimamente, andava ajudando um outro garoto, um ano mais velho chamado Vinicius, a vender tóxicos dentro da escola?”

“Ele disse que comprava a droga de traficantes na favela do Vidigal, estocava tudo em

casa e todos os dias, levava pequenas quantidades para o colégio”. “O comércio de drogas dentro das escolas brasileiras tem crescido assustadoramente nos últimos anos. Um jovem não sente que está cometendo um delito ao comprar a droga de um colega e não considera esse colega um traficante, um bandido. Bandidos, para ele são aqueles maltrapilhos armados entrincheirados nas favelas, e que ele só vê pela televisão.”

Nesses três parágrafos há três ideias que precisam ser discutidas:

1. Quem vende a droga dentro da escola às vezes é o próprio aluno.
2. O aluno busca a droga na favela, diretamente com os traficantes.
3. Quem compra a droga de um colega não encara o que faz como algo errado ou criminoso.

Debata essas ideias com os alunos e, depois, em uma roda de conversa, verifique qual a realidade deles, como é o acesso às drogas no cotidiano de cada um e o que pensam a respeito.

10. Tempo e espaço – uma viagem pela Geografia e pela História

Ao longo da narrativa são citados diversos nomes de países e cidades. Reunidos em grupos, seus alunos podem fazer um levantamento dessas referências a lugares que aparecem no texto. Depois deverão realizar uma pesquisa que dê conta destas questões: são reais ou criados pelo autor do livro? Continuam existindo nos dias de hoje? Onde se localizam ou se localizavam? Qual a sua história no passado ou o seu papel no mundo atual? Seria interessante desenvolver esta atividade com o apoio dos professores de História e de Geografia, que poderiam contribuir para enriquecê-la.



• Sobre o autor

Luis Eduardo Matta nasceu no Rio de Janeiro, em 1974 e estreou na literatura em 1993, com o livro *Conexão Beirute-Teeran*. É autor, ainda, dos thrillers *A outra face do desejo*, *O véu*, *120 horas* e *Ira implacável*, dos juvenis *Morte no colégio* e *O dia seguinte* e das séries *Os caça-mistérios*, de histórias policiais infanto-juvenis e *As bem resolvidas(?)* de livros *chick lit* YA. Em 2014 publicará *Passageira 45*, primeiro volume da nova série policial juvenil *O vale dos mistérios* e o livro interativo *Lucas, o leitor aventureiro em 'O Guarani'*. Participou de seis antologias de contos e tem diversos artigos publicados, a maioria no portal *Digestivo Cultural*, do qual foi colunista durante cinco anos. É filiado à AEILIJ - Associação de Escritores e Ilustradores de

Literatura Infantil e Juvenil.

Visite o site do Luis Eduardo Matta: www.lematta.com